

A Epístola a Filêmon

Carlos Alberto Rodrigues Jorge

A epístola, que ora começamos a trabalhar, pode parecer um tanto desprezível, seja pelo seu tamanho, seja pelo assunto que trata, a devolução de um escravo ao seu “legítimo” dono. Digo parece, pois ao mergulhar no universo da carta deparamo-nos com um mundo complexo e cheio de surpresas, que muitas vezes, em uma leitura superficial, não conseguimos captar. Na exegese tradicional, pela clareza da argumentação e da narrativa do texto, imaginou-se ter chegado ao termo das discussões sobre o significado e sobre o verdadeiro conteúdo ali apresentado. Mas, eis a surpresa. Muita coisa pode ser tirada, ainda, deste “baú”. O texto que parecia tão claro se mostra ambíguo, cheio de possibilidades diversas de interpretações e de inferências circunstanciais várias. O que parecia ser um bilhete de recado a um “senhor” cristão que perdera seu servo, mostra-se um eficiente mensurador da incidência prática da pregação do Apóstolo. No dizer de Pe Comblin: “Essa epístola é um magnífico testemunho ao mesmo tempo da prática pastoral e da doutrina de Paulo”¹. Neste trabalho abordaremos, de modo breve e sintético, uma linha de interpretação e compreensão da Epístola, que nos parece a mais plausível ante a exegese que tradicionalmente se fez do texto.

Iniciaremos o trabalho com uma abordagem do contexto em que foi escrita e da intenção do autor ao escrever esta carta. Num segundo momento analisaremos a escravidão no Império Romano. O que representava pertencer à classe social dos escravos e quais as principais implicações disto? Afinal, o objeto, ao menos direto, desta carta é um escravo, Onésimo. Finalmente, tentaremos uma leitura da carta a partir dos elementos levantados por esta investigação, acom-

1. COMBLIN, J., *A mensagem da Epístola de São Paulo a Filêmon*, em *Estudos Bíblicos 2*, p. 50.

panhada de uma interpretação do possível modelo de comunidade que se encontra por detrás da carta, à qual é dirigida.

1. A epístola a Filêmon: localização e intenção

Embora a exegese tradicional sempre tenha colocado a composição da carta a Filêmon no cativo de Paulo em Roma², hoje há um consenso cada vez maior de que ela surgiu no período do cativo de Paulo em Éfeso, mais provavelmente entre os anos 53–55³. Mais precisa é a datação de O'Connor, que coloca a composição da carta o ano 53⁴. Por isso, a carta a Filêmon é conhecida como parte do conjunto das chamadas “cartas da prisão”⁵, das quais ainda fazem parte a carta aos Filipenses, a carta aos Colossenses e a carta aos Efésios. É interessante observar a proximidade que o texto da carta a Filêmon tem com o texto da carta aos Colossenses. Em ambos, pelo menos, aparece uma lista de personagens comuns: Paulo, Timóteo, Onésimo, Aristarco, Marcos, Epafras, Lucas, Demas e Arquipo. Isto permitiu uma identificação da possível localização do destinatário da epístola em Colossos, ou mesmo seus arredores, na região da Frígia, na Ásia Menor. Esta localização permite ainda inferir, pela facilidade de locomoção, graças à curta distância entre as cidades, o desejo de Paulo de vir, brevemente, a estar junto aos destinatários de sua epístola.

Mas, por que Paulo teria escrito para Filêmon e qual sua intenção ao encetar sua diretiva? Isto é o que nos ocuparemos em refletir de ora em diante.

Segundo a exegese tradicional, o problema da carta de Filêmon já estava desvendado e resolvido satisfatoriamente. Paulo teria recebido de Onésimo um pedido de auxílio para retornar ao seu antigo dono. Onésimo seria um escravo fugitivo que teria causado prejuízos ao seu dono e com medo de punição severa recorre à autori-

2. Cf. LÉGASSE, S., *A epístola aos Filipenses e a epístola a Filêmon*, pp. 64-66.

3. Cf. REIMER, I. R., *Eficácia da fé na superação de desigualdades: estudo exegetico sobre a carta de Paulo a Filêmon, Ápia e Arquipo*, em *RIBLA* 28, p. 68.

4. Cf. O'CONNOR, J. M., *Paulo: biografia critica*, p. 194.

5. Cf. REIMER, I. R., *o. c.*, p. 68 [396].

dade de Paulo para mediar a situação. Isto pode ser descaracterizado num breve olhar crítico à carta.

O primeiro problema que se põe é: Onésimo era um escravo fugitivo? Pelo texto da carta não dá para inferir tal conclusão. Nada nos permite tal afirmação categórica. Do mesmo modo, não fica clara qualquer afirmação de que Filêmon devesse receber Onésimo de volta em sua casa⁶.

É certo que existem testemunhos antigos que permitem falar de Onésimo como escravo fugitivo. São textos que trazem um tipo de estrutura e argumentação muito próximas da epístola a Filêmon, e tratam da mediação entre escravos fugitivos e seus senhores para um retorno pacífico e sem maiores conseqüências para o fugitivo⁷. Mesmo assim, diretamente não podemos afirmar ser Onésimo um escravo fugitivo. Escravo sim, pois isto é declarado com todas as letras, mas sua situação quando se encontra junto a Paulo, para nós, é incerta.

Outro problema não solucionado seria como Onésimo teria se aproximado de Paulo, que estava na prisão. Para um “fugitivo”, aproximar-se de uma prisão seria correr um alto risco, uma vez que o aparelho estatal cooperava na captura de escravos nesta situação⁸. Parece que a situação de Onésimo quando se encontra com Paulo é outra. E esta não está clara o suficiente na carta para afirmarmos qualquer coisa. Onésimo poderia ter sido enviado por Filêmon, inclusive, para colaborar com Paulo por um determinado tempo em sua missão apostólica. Este tempo acertado teria se esgotado e Paulo estaria devolvendo o escravo para seu legítimo dono. Mas não sem aproveitar da situação para dar o seu recado, o que veremos mais adiante.

Mas, alguns elementos nos parecem claros. Sabemos que Onésimo é um escravo que, estando em Éfeso, se é que isto ocorreu ali, se encontrou com Paulo, tomou conhecimento do Evangelho e se converteu à fé em Cristo. Pela carta também, temos a certeza de que Onésimo estava sendo enviado de volta ao seu dono de direito, e pelo que nos é sugerido na carta, parece que a iniciativa é do próprio Paulo.

6. Cf. *Ibidem*, p. 69 [397].

7. Cf. LÊGASSE, S., *A epístola aos Filipenses e a epístola a Filêmon*, p. 67, que traz texto de duas cartas de Plínio o Jovem, dirigidas a Sabiano, intercedendo junto a este por um servo seu que se encontrava foragido.

8. Cf. REIMER, I. R., *o. c.*, p. 68 [396].

O que realmente nos importa é que o assunto era de importância tal para Paulo, que este resolve enviá-lo de volta e aproveita da situação para passar a sua mensagem. Isto é atestado por ser a carta dirigida a toda a comunidade que se reunia na casa de Filêmon. O que queremos afirmar é que Paulo faz desta uma oportunidade para testar o seu Evangelho. Enviar Onésimo para seu antigo dono era de suma importância, pois possibilitava averiguar a verdade e a força do Evangelho que Paulo pregava⁹. Paulo queria ver acontecendo a liberdade, e o *agapè* se realizando. Era um desafio a Filêmon e à *ekklesia* em sua casa, considerar Onésimo como um irmão, superando, assim, toda oposição social e toda relação de dominação. Neste sentido é interessante observar a forma de relação que Paulo estabelece com o seu interlocutor nesta carta. Ele renuncia a toda possibilidade de obrigação por imposição a Filêmon. Renuncia até mesmo a seu título de Apóstolo, para, na liberdade, exigir uma resposta positiva de Filêmon. Como exige de Filêmon uma postura que rompa os quadros de dominação e sujeição para com seu escravo. Paulo não faz uso da autoridade apostólica, Filêmon não é considerado “senhor” e Onésimo é tratado como irmão no Senhor¹⁰.

Tradicionalmente se estrutura a carta da seguinte maneira:

Saudação	1-3
Ação de graças e intercessão	4-7
Parte central	8-20
Epílogo	21-22
Saudações e bênção final.....	23-25

Este tipo de apresentação da estrutura deixa o núcleo central de interesse da carta bastante difuso, embora se perceba a intenção do autor com certa facilidade: que Onésimo seja recebido como irmão no Senhor e na carne. Mas, uma outra forma de estruturação permite uma melhor visão da afirmação central da carta. Trata-se do paralelismo concêntrico, na forma conhecida por quiasmo. Vejamos como fica nesta forma de estruturação o documento¹¹:

9. Cf. COMBLIN, J., *o. c.*, p. 50.

10. Cf. WEGNER, U., *Comunidade e autoridade em Filêmon*, em *RIBLA* 28, p. 83 [411]. Este texto traz um detalhado estudo sobre a relação de autoridade na epístola a Filêmon.

11. Conforme estruturação apresentada em REIMER, I. R., *o. c.*, p. 70 [398].

- a. 1-3: Saudações iniciais
- b. 4-7: testemunho de amor e fé
 - orações
 - aliviar as entranhas
- c. 8-14: Paulo intercede, por causa do amor, em favor de Onésimo
 - d. 15-17: acolhimento de Onésimo como irmão amado, na carne e no Senhor
 - c'. 18-19: Paulo responde econômica e legalmente em favor de Onésimo
- b'. 20-22: apelo para testemunho
 - orações
 - aliviar as entranhas
- a'. 23-25: Saudações finais

A centralidade dos versos 15-17 indica bem o que desejava Paulo ao dirigir-se a Filêmon e à igreja que se reunia em sua casa: queria ver a solidariedade acontecendo. “Paulo pretende dar um testemunho da força da solidariedade da *agapè*, e Filêmon é o discípulo escolhido para fazer a prova”¹².

Não é colocado à prova apenas o destinatário da carta. O próprio Paulo se vê envolvido e provocado a não se auto-afirmar como autoridade que se impõe. Paulo não manda: pede, exorta, insiste, sugere, suplica, mas não dá ordens. Este é um forte argumento em favor do Evangelho que prega. Quem exige liberdade de ação no Espírito também se submete à liberdade no Espírito na relação com seus irmãos. Ao mesmo tempo em que Paulo quer ver seu desejo realizado não pode impor nada a Filêmon segundo sua vontade. Tudo deve ser gratuidade, nada deve ser imposição. No núcleo da pregação de Paulo está o Evangelho da liberdade, a proclamação do reino da liberdade¹³. Esse é o Evangelho que na carta a Filêmon deve ser colocado em prática. É o Evangelho que funda uma sociedade nova, na qual as relações de dominação já não mais existem, mas onde vigora as relações de solidariedade¹⁴.

12.COMBLIN, J., *o. c.*, p. 52.

13.Neste sentido a carta aos Gálatas, sobretudo 5,13, é um verdadeiro exemplo da explicitação deste Evangelho.

14.Cf. COMBLIN, J., *o. c.*, p. 53.

O que Paulo imaginava era ver o Evangelho penetrando nas estruturas do mundo. Sabemos que talvez não tenha pensado em termos de mudança da estrutura vigente na iminência da parusia, mas, com certeza, não aceitou o que via acontecendo nas relações entre as pessoas dos diversos grupos sociais que participavam nas comunidades devedoras a ele. Basta ver o exemplo do conflito subjacente narrado em 1Cor 11,17ss, onde fica clara a distinção de pessoas entre as classes sociais diversas que participavam da “Ceia do Senhor”. O que Paulo desejava era ver o mundo mudado, no qual “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Este é o desejo de Paulo, que quer vê-lo realizado no caso de Onésimo com a igreja que se reúne na casa de Filêmon. A epístola “não é nada mais nada menos do que a aplicação da práxis evangelizadora ao ponto mais crucial da sociedade romana. A relação senhor-escravo é o terreno privilegiado em que se manifesta a força do Espírito e a soberania de Cristo”¹⁵.

Depois de termos nos fixado na localização da carta em seu contexto e na intenção do autor ao escrevê-la, convém aprofundar um ponto que nos parece ser crucial para o entendimento mais profundo do desejo de Paulo ao emití-la. Trata-se da situação dos escravos no Império Romano de então. Tentaremos abordar de forma sintética a situação dos escravos no Império e fazer uma aproximação com a situação que está exposta na epístola a Filêmon. Onésimo é um escravo. Mas como se caracterizava um escravo no contexto das Províncias do Império? Quais as formas de escravidão e o que isto implicava socialmente? Após esta abordagem examinaremos alguns elementos, que aparecem na carta, da relação entre Onésimo e seu “senhor”.

2. A escravidão no Império Romano: o escravo Onésimo¹⁶

Para uma compreensão adequada da carta de Paulo a Filêmon, em seu contexto de relação senhor-escravo, precisamos ter uma

15. *Ibidem*, p. 57.

16. Apresentamos neste tópico uma síntese do texto de MÍGUEZ, N. O., *Escravos no Império Romano: o caso de Onésimo*, em *RIBLA* 28, pp. 90-98 [418-426].

visão global da escravidão no início do Império Romano (mais precisamente entre os anos 31 a.C. a 150 d.C.).

O sistema econômico-social e político do Império funcionava na base da exploração sem misericórdia dos escravos. Estima-se que aproximadamente 30% da população do Império estava sujeita a distintas formas de escravidão. Em qualquer nível, a escravidão negava a dignidade do ser humano, relegando-o à situação de miséria e maus tratos¹⁷. Os escravos raramente ultrapassavam os 35 anos de vida. A prova da condição de vida destes vem dos ossuários que guardam os restos de escravos urbanos, que eram mais ou menos bem tratados; ainda hoje se pode observar as marcas deixadas pela sua condição de vida: restrições alimentares, deformações laborais, mortes prematuras, etc. Mas, de certo, sabemos é que a escravidão não foi um fenômeno uniforme no Império Romano.

Como vimos acima, o Império Romano se sustentava mediante a exploração escravista. Eram os escravos que mantinham o sistema, mediante seu trabalho. Esta forma de trabalho estava presente em, praticamente, todos os campos da economia, desde a agricultura, passando pelas oficinas artesanais, até chegar, no que chamamos hoje, as profissões liberais, como médicos, músicos, artistas, etc. Dentre os escravos, havia alguns que constituíam um grupo seletivo, especial, os chamados “mordomos”, que cuidavam de outros grupos de escravos ou conduziam negócios de seus patrões.

Embora o trabalho fosse realizado, em sua grande parte, pelos escravos, não podemos deixar de admitir que o trabalho livre também era praticado. Mas, pelo que se conhece, este não era, em termos econômicos e em nível de subsistência, muito diverso do conseguido pelos escravos. A diferença entre um e outro se situava apenas no que diz respeito ao status social de cada um. Economicamente estavam no mesmo nível e “disputavam” quem estaria em pior situação.

Uma característica marcante do escravismo romano é a pertença do escravo ao seu patrão. O escravo era uma “coisa” (*res*) do seu senhor. Diferente dos povos da antigüidade, e igual aos gregos,

17. Note-se que um dos mais famosos filósofos da antigüidade, Aristóteles, considerava os escravos meras ferramentas falantes. Varron, insigne romano, os considerava “maquinas com voz humana”. Cf. comentário em LÉGASSE, S., *A epístola aos Filipenses e a epístola a Filêmon*, p. 74, no destaque.

os romanos, quando escravizavam um povo, não o fazia escravo como nação, mas vendiam os prisioneiros individualmente no mercado de escravos. Isto permitia ao proprietário ter um domínio real sobre o escravo como ser humano, fazendo uso de seu corpo como bem entendesse. Mas, neste mesmo sentido, alguns acabavam conseguindo despertar o agrado de seus proprietários, ganhavam privilégios e podiam, mediante seu trabalho, reunir até algum capital, com o qual, muitas vezes, compravam a própria liberdade.

Contudo, nem todo trabalho considerado insalubre era reservado aos escravos. É certo que nestes casos uma boa parte da mão-de-obra utilizada era cativa, mas parte significativa provinha de outros meios. Entre estes estavam os que eram condenados a trabalhos forçados, principalmente nas minas e pedreiras. Esta era uma forma de pena imposta, sobretudo, aos dissidentes políticos das categorias sociais de menor importância, aos presos por dívidas, aos criminosos de menor calão social, como também a escravos recapturados. No período das perseguições ao cristianismo, muitos destes foram condenados a este tipo de castigo nas minas de cobre e nas pedreiras.

Precisamos agora especificar melhor uma categoria de escravos, os urbanos, o que pode nos ajudar a entender melhor o caso de Onésimo.

Havia nas cidades, principalmente grandes e médias, uma produção industrial forte, que era voltada tanto para dentro como para outros centros comerciais importantes. Como no geral do que acontecia no Império, também nas cidades o trabalho escravo era o sustentáculo da produção. O lugar principal da atividade do trabalho escravo era na oficina de artesanato. Alguns escravos podiam até conseguir um certo destaque entre os pares, reunir um *peculium* e comprar sua liberdade, mas, no período que estamos analisando, ainda assim continuaria dependente de seu patrão.

O que observamos é que durante o período do Principado, no qual situamos nosso estudo, a importância da mão-de-obra escrava deveria ser alta. Estava proibida neste período a alforria aos escravos com menos de 20 ou 25 anos, período em que sua força de trabalho era mais promissora.

Outras atividades, também, eram realizadas, sabemos, por escravos. Dentre estes encontramos administradores, secretários, músicos, professores e pedagogos, médicos etc. Os escravos que participavam de cargos administrativos de confiança formavam uma elite entre os círculos de libertos e escravos, principalmente os que exerciam função no palácio do César. Estes tinham um modo de vida abastado, contrastando com a grande maioria dos escravos que viviam na mais profunda miséria.

Independente de sua situação econômica na sociedade, o escravo era, antes de tudo, uma não-pessoa, portanto, sem direito social algum. Contudo, existiram leis concernentes à escravidão, mas simplesmente não contemplavam o lado menos favorecido na relação. Muitos consideravam a escravidão uma necessidade econômica; pensavam não haver outra forma de gerir a economia do Império, senão mediante a exploração escravista. Entre os membros da classe dominante era freqüente considerar o escravo como bárbaro (na acepção grega da palavra). Muitos filósofos e personalidades da época assim se expressavam, entre eles Aristóteles, que vivera alguns séculos antes. Mas nem todos eram concordes com esta visão. Pensadores da época do surgimento do cristianismo, como Musônio Rufo e os estoicos, defendiam dever haver uma certa consideração para com os escravos, evitando-se os abusos.

Mas a situação não devia ser das melhores, pois encontramos testemunhos dos mais absurdos abusos para com os escravos, embora houvesse leis que não permitiam ao patrão tirar a vida de um escravo sem justificativa, nem abandoná-lo ao léu quando este já não lhe servisse mais. Como anotamos acima, o escravo era uma propriedade do senhor, portanto, era um capital investido e que necessitava de cuidados, pelo menos enquanto fosse útil. Mas passado este período não era raro os escravos serem libertados, o que acontecia depois dos seus 25 ou 30 anos. A esses só restava aguardar a morte na miséria, pois como vimos, a média de vida não ultrapassava 35 anos.

Mulheres e crianças eram mais frágeis ainda dentro deste sistema. O abuso sexual das mulheres não tinha nenhuma restrição e era comum abandonar as crianças nas vias públicas. Afinal, comprar um escravo, já em condições de trabalhar, era muito mais rentável do que investir em uma criança que tinha futuro incerto.

O escravo estava privado do exercício de qualquer direito: não podia formar família, não podia se mudar etc. Os únicos escravos que conseguiram certas regalias foram os de origem judaica, pois lhes fora permitido seguir uma religião própria e seus mandamentos doutrinários. Por esta razão corria no Império o refrão: “Quem compra um escravo judeu, compra um patrão”.

Habitualmente o desprezo e os maus-tratos davam a tônica na relação senhor-escravo. Aos escravos rebeldes os castigos reservados não eram dos mais brandos: açoites, torturas, amputações, morte. O estado só intervinha nos casos extremos em que o escravo era acusado de tentativa de fuga, participação em sedição ou ato de violência.

Pensando *o caso de Onésimo e sua situação*, podemos, a partir de agora, arriscar alguns palpites.

Levaremos em conta quatro pressupostos: o primeiro, que parece evidente, é que Onésimo é um escravo doméstico de âmbito urbano: Filêmon aparece como dono de uma casa na qual se reúnem os crentes, bastante típico das comunidades cristãs paulinas¹⁸. O segundo pressuposto se refere à situação de Filêmon: ele parece ser um artesão com oficina própria, ligado à produção têxtil, ao tingimento de lã ou coisa afim. Isto não é difícil de ser concebido, já que Paulo estava ligado a pessoas deste ramo, como Priscila e Áquila. Onésimo seria um jovem escravo de Filêmon. O terceiro pressuposto é que não podemos considerar Onésimo um escravo fugitivo, pois parece não estar no cárcere, o que seria a situação corrente para um escravo nesta situação. Fica evidente que Onésimo tinha certa liberdade de movimento, o que nos permite pressupor ser ele um escravo urbano. Só tais escravos conseguiam esta liberdade. O quarto pressuposto é decorrência do terceiro. Três poderiam ser as situações de Onésimo: ou era um administrador do comércio de Filêmon - o que lhe permitiria estar longe de casa a serviço do seu patrão - que teria se dado mal nos negócios e estava receoso de voltar sem uma intercessão amigável de um conhecido de Filêmon, Paulo; ou era um aprendiz do artesão Filêmon, que por sua inaptidão foi dispensado para tentar a sorte em outro lugar, deu-se mal e resolveu recorrer a Paulo

18. Cf. MEEKS, W. A., *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*, especialmente o cap. II.

para tentar voltar ao seu lugar de origem; ou, numa terceira hipótese, a combinação de elementos das duas situações. Mas, qualquer caminho que se tome, temos consciência de que determinará o matiz de leitura da carta.

Este será nosso trabalho de agora: tentar dar um esboço interpretativo para a carta e tentar levantar pontos que expressem que modelo de comunidade se “esconde” por trás do documento.

3. Uma leitura da carta a Filêmon¹⁹

3.1. As saudações iniciais (1-3) e as saudações finais (23 -25)

Início e final da carta formam uma unidade de importância única, pois expressam um conjunto mais global das relações dos personagens da mesma.

O primeiro ponto a ser evidenciado é a intenção do autor em atingir toda uma comunidade (pelo menos). Inicialmente, ela não é remetida somente por Paulo, Timóteo aparece como co-remetente, o que já implica em certo aspecto comunitário na intenção do escritor. Não se trata de mera correspondência particular, com assunto particular. O assunto deve ser tratado como de interesse comunitário. O autor quer atingir a comunidade. Corrobora isto o endereçamento da carta: “*A Filêmon, nosso muito amado colaborador, à nossa irmã Ápia, ao nosso companheiro de armas Arquiço, e à Igreja que se reúne na tua casa*” (vv. 1b-2). É uma carta dirigida a uma comunidade.

Alguns personagens surgem e são de grande importância para nossa reflexão. Filêmon, é o dono da casa onde se reúne um grupo de cristãos, provavelmente na cidade de Colossos. Este deve ser alguém com certo status social que garante um destaque no grupo. Seu poder aquisitivo deve ser maior que a média dos que formam o grupo, pois é ele que dispõe de lugar para acolher as reuniões. Sua casa é referência para a Igreja que ali se reúne.

19. Neste tópico estaremos seguindo a proposta de leitura apresentada por REIMER, I. R., *Eficácia da fé na superação de desigualdades: estudo exegético sobre a carta de Paulo a Filêmon, Ápia e Arquiço*, em *RIBLA* 28, pp. 67-82 [395-410] e COMBLIN, J., *A mensagem da epístola de São Paulo a Filêmon*, *Estudos Bíblicos* 2, pp. 50-70.

Na carta esta coletividade serve de instância crítica e testemunhal diante da atitude que Filêmon, ou a quem foi dirigida a carta, teria de tomar ao responder ao desejo do Apóstolo. Nesta coletividade, também, estão incluídos os companheiros de Paulo, tanto na prisão (Epafras), como seus colaboradores (Marcos, Aristarco, Demas e Lucas) que são lembrados na despedida da carta (vv. 23-24).

Vale a pena elencar mais detalhadamente a condição que cada personagem exerce neste grupo. *“Todos os personagens (Paulo, Timóteo, Filêmon, Ápia, Arquipo, Epafras, Marcos, Aristarco, Demas, Lucas) vêm caracterizados com adjetivos que indicam tanto condições vivenciais do momento quanto funções e status eclesiais”*²⁰.

Paulo: se auto-identifica como “prisioneiro” de Jesus Cristo (v. 1), termo repetido no v. 9, apontando para uma situação real de prisão, que certamente tinha causa originante no trabalho missionário desenvolvido por Paulo (daí “prisioneiro” de Jesus Cristo). Junto a ele se encontra Epafras, que é tratado como “companheiro (co-prisioneiro) de prisão em Cristo Jesus” (v. 23). Isto indica que este também deveria estar cativo pelo mesmo motivo que Paulo. Os outros personagens são identificados em funções e status eclesiais: Timóteo é *adelphós* (irmão); Ápia é *adelphé* (irmã); Filêmon (vv. 7 e 20) e Onésimo (v. 16) são qualificados como “irmãos”; Filêmon, ainda, é tratado com *agapetós kai synergós hemon* (amado e cooperador nosso), o que o qualifica sobre os demais, seja pela sua preeminência na Igreja, seja por dispor o ambiente para as reuniões do grupo; Arquipo é identificado como *systratiótes* (companheiro de lutas); e Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, como já o fizera a Filêmon, são *synergoi* (colaboradores).

São os que estão sendo desafiados a colocar na vida o que aprenderam a professar na fé, segundo Pe. Comblin: *“Graças ao acolhimento de Onésimo, o escravo tratado como irmão, o pequeno grupo vai realizar a verdadeira essência da ‘Ekklesia’ que é a de encarnar a ‘agapè’”*²¹.

Tanto no início quanto no final da carta aparece a típica alusão de Paulo à graça de Deus, agindo na comunidade em Jesus Cristo e

20. REIMER, I. R., *o. c.*, p. 72 [400].

21. COMBLIN, J., *o. c.*, p. 59.

no Espírito. É esta graça que confirma e sustenta a comunhão das pessoas e as faz serem capazes de viver as novas relações de solidariedade que lhes são propostas, relações que visibilizam a paz de Cristo: “*Graça e paz funcionam como ‘inclusio’, isto é, abrem e fecham a carta, selando o seu conteúdo*”²².

Neste primeiro bloco deve ficar claro para nós a característica marcadamente comunitária da epístola. Paulo usou da carta para continuar mantendo contato com suas comunidades, no momento em que está impossibilitado de estar pessoalmente no meio delas. É um recurso comum para Paulo no seu processo de evangelização. Embora o assunto pareça ser de cunho pessoal, sua incidência é comunitária e deve ser tratado a este nível.

3.2. Ação de graças de Paulo (vv. 4-7)

Este trecho é de fundamental importância pois revela a face da comunidade a quem é dirigida a carta. Aqui transparece o rosto de uma comunidade que aceitou a mensagem pregada por Paulo e a transformou em prática solidária, em comunhão de irmãos, em amor concreto. Filêmon é o centro do agradecimento. Mas, o que acontece de novo na comunidade, não é por causa da generosidade de Filêmon, mas, com certeza, porque eles experimentaram uma nova forma de se relacionar, fundada na comunhão. Paulo agradece pela fé concreta que a comunidade consegue expressar. Quando o “*agapè*” acontece as “*entranhas dos santos são reconfortadas*” (v. 7), ou seja dos que participam da comunidade local reunida na casa de Filêmon. Neste trecho, Paulo, está preparando o terreno para propor o gesto agápico por excelência: o rompimento de todo laço de dominação entre os irmãos. A comunidade já vive um grau de comunhão visível, perceptível, mas Paulo quer mais, quer a radicalidade do gesto da *Koinonia*, da comunhão plena.

Com isto o Apóstolo preparou os ânimos de seus leitores para a parte central do texto: o pedido em favor de Onésimo. Seu desejo era ver acontecer o “*agapè*” na comunidade. De ora em diante Paulo vai radicalizar o que já antecipou como prática na comunidade.

22. REIMER, I. R., *o. c.*, 73 [401].

3.3. A intercessão por Onésimo (vv. 8-20)

Na perspectiva que apresentamos no início do trabalho, encontramos neste núcleo os três versículos que sintetizam a intenção geral da carta. São eles os versos de 15 ao 17: que Onésimo fosse incorporado à comunidade como irmão no Senhor.

Pela importância desta perícopa é melhor trabalhá-la em partes mais reduzidas, o que pode facilitar uma compreensão mais explícita do que é proposto.

O trecho que compreende os versos 8 ao 10, inicia com a renúncia de Paulo ao direito que tinha de impor-se como apóstolo e conseguir, pela força, tudo o que pretendesse de Filêmon. Mas, ele prefere fazer o caminho inverso. Prefere usar ele, primeiramente, da força das relações de liberdade e apela à mesma força na ação de Filêmon, ao receber Onésimo de volta. É interessante observar que Paulo não usa o título de apóstolo, que ab-roga de direito seu em outras oportunidades, para argumentar com Filêmon²³.

Do nível comunitário que prevaleceu no início da carta, passa-se para o do tratamento individual. O problema central é a relação entre Onésimo, que está voltando, e Filêmon. Mas, não podemos esquecer que a perspectiva da carta está voltada para a comunidade toda. A força deste bloco reside no fato de agora poder ser “testada” a incidência do Evangelho no concreto da vida de Filêmon e da comunidade. A relação a ser estabelecida entre Filêmon e Onésimo é potencial exemplo que deve se expandir a toda a comunidade. Paulo firma exemplo na sua relação com Onésimo, já como exórdio do que pretende. Onésimo é como um filho para Paulo - este gerou aquele para Cristo.

Para Paulo, Onésimo é de suas próprias “entranhas”. Na linguagem bíblica gerar é um ato extremamente íntimo e identificador entre o que gera e o que é gerado. Isto aparece nos versos 11 e 12, onde também aparece um jogo de palavras com os termos útil e inútil, que tenta subverter o valor de uso de Onésimo.

23. Para um maior esclarecimento das relações de autoridade na carta de Filêmon consultar WEGNER, U., *Comunidade e autoridade em Filêmon*, em *RIBLA 28*, pp. 83-89 [411-415].

Nos versos 13-14, Paulo estabelece uma equivalência entre o serviço prestado por Onésimo e o serviço que Filêmon, como convertido, deveria prestar em favor do Apóstolo, que se encontrava no sofrimento do cárcere. Mas, Paulo, não impõe nada, quer ver a liberdade em nome do Evangelho agir. Paulo argumenta a Filêmon a condição que é exigida de um convertido cristão - ele perdera todos os seus direitos de senhor. Ao equiparar o serviço da diaconia de Filêmon ao que Onésimo poderia prestar-lhe e ser-lhe útil, coloca todos na mesma condição perante a sociedade. Na sociedade romana a diaconia é serviço prestado por escravos.

Chegamos ao núcleo enunciado do texto, os versículos de 15 a 17. É o ápice da intervenção de Paulo. Já no início aparece a condição de Onésimo quando está junto de Paulo. Estar por um tempo separado de seu senhor não significa ser fugitivo. Parece, que ao contrário das cartas da época, que tratavam de reconciliação entre escravos que estavam em apuros ante seus senhores, aqui Paulo não tem a intenção de pura e simplesmente reconciliar Onésimo com seu dono. Paulo espera algo mais, quer ver realizado na “carne” o que Filêmon professa acreditar, a solidariedade acontecendo. No parecer de Paulo, Filêmon pode perder um escravo, mas vai ganhar um irmão. Estes versículos mostram um pouco o rosto da comunidade que se reunia na casa de Filêmon. Eles já haviam recebido um primeiro anúncio da boa-nova, se entusiasmaram e professavam sua fé com alegria, mas Paulo quer que realizem estas coisas no concreto da vida. Não basta apenas crer, é preciso fazer também o que se crê. A situação de Onésimo é um desafio para a comunidade e sua fé. Paulo provoca para que se superem e façam o *agapè* acontecer. Tem todo cuidado em não querer impor nada. Usa do condicional “se” quando fala da sua relação com Filêmon, o que implica certo grau de complexidade na relação. Ferir o brio de Filêmon poderia provocar sua “ira” e o desejo de Paulo estaria frustrado. Paulo coloca Onésimo como o garante da sua relação com Filêmon.

Se Paulo começou sua argumentação eliminando o valor de uso de Onésimo como escravo, ao equipará-lo a Filêmon, agora, ataca o valor de troca. Isto é o que é apresentado nos versículos 18-19. Paulo assume todo possível valor, ou desvalor, que represente

Onésimo para Filêmon. Não bastasse isto, Filêmon é equiparado ao valor que Onésimo tem para Paulo. Ambos foram gerados para a fé por Paulo. Ambos são devedores de Paulo. Assim, todo e qualquer direito que um tenha sobre o outro fica anulado.

O verso 20 é o último apelo de Paulo, usando do argumento afetivo para tocar a sensibilidade de Filêmon. “Dá este conforto às minhas ‘entranhas’ em Cristo”.

3.4. Acolhida de Onésimo e participação no agapè (vv. 21-22)

O epílogo da carta é um suspiro e um voto de confiança de que a realização de seu desejo se cumprirá. Paulo manifesta sua certeza de que tudo será como foi explicitado, segundo a liberdade do Evangelho. O próprio Paulo quer participar deste novo começo em Cristo. Está confiante de que poderá visitá-los e com eles participar da vida em comunhão concretizada na relação entre Filêmon e Onésimo: “A famosa ‘agapè’ de Filêmon vai concretizar-se de novo de modo radical. Filêmon vai dar o sinal do Reino de Deus, do novo mundo”²⁴. Mais uma vez aparece o que era corriqueiro no trabalho missionário de Paulo e seus companheiros, as visitas às comunidades cristãs, por onde tinham passado, criando-as ou animando-as. Paulo era como que meio fiscal de como andava a vida nas comunidades, queria estar por dentro do que acontecia nelas, fossem conflitos, fosse a *Koinonia* acontecendo. Veja que a carta a Filêmon não poupa elogios à comunidade que se reúne em sua casa, pelo seu apreço ao Evangelho e pela prática que já desenvolvem de amor e comunhão. Mas Paulo quer mais. É um sedento de Cristo e do Reino acontecendo nas relações entre os cristãos. Não se contenta apenas com notícias, quer estar pessoalmente conferindo os resultados do que semeia, do que prega.

Se surtiu efeito o que era proposto a Filêmon, não temos fontes seguras que o afirme. Contudo, se o Onésimo que aparece na carta aos Colossenses 4,7-9, escrita mais tarde, trabalhando com Paulo, for o mesmo da carta a Filêmon, podemos dizer que a resposta de Filêmon foi afirmativa. E aí podemos ter um retrato mais lúcido da comunidade que se reunia na casa de Filêmon. Eram pessoas que, de

²⁴COMBLIN, J., *o. c.*, p. 63.

fato, aderiram à proposta do evangelho e conseguiram superar as relações de dominação dentro do grupo, ao menos no caso de Onésimo. Mas isto já é conjectura.

Ao final podemos dizer que a carta a Filêmon representa a síntese de tudo o que Paulo pregou e exigiu de suas comunidades. A vivência da solidariedade é um imperativo da vida livre no Evangelho. Nela não há lugar para relações de dominação e de servilismo. Ninguém é Senhor de ninguém perante o Evangelho. Paulo entendeu isto e quis ver acontecendo. Hoje nos contentamos com muito menos do que o mínimo que Paulo pedia. Imagina-se que ele exigia muito mais. Como diz Pe. Comblin: “São Paulo exigiu muito mais do que nós exigimos de nós mesmos”²⁵.

Bibliografia

A Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 1994.

COMBLIN, José, *A mensagem da epístola de São Paulo a Filêmon*, *Estudos Bíblicos n. 2*, Petrópolis, Vozes, 1987, pp. 50-70.

_____. *Fé e liberdade na carta de Filêmon*, *RIBLA 28*, Petrópolis / São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1997, pp. 99-102 [427-430].

ELLIOT, Neil, *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do Apóstolo*, São Paulo, Paulus, 1997.

LÉGASSE, Simon, *A epístola aos Filipenses e a epístola a Filêmon*, São Paulo, Paulus, 1984.

MEEKS, Wayne A., *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do Apóstolo Paulo*, São Paulo, Paulus, 1992.

MESTERS, Carlos, *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*, São Paulo, Paulus, 1991⁵.

MÍGUEZ, Néstor O., *Escravos no Império Romano: o caso de Onésimo*, *RIBLA 28*, Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1987, pp. 90-98 [418-426].

O’CONNOR, Jerome Murphy, *Paulo: biografia crítica*, São Paulo, Loyola, 2000.

25. *Ibidem*, p. 70.

REIMER, Ivoni Richter, *Eficácia da fé na superação de desigualdades: um estudo exegético sobre a carta de Paulo a Filêmon, Ápia e Arquipo*, RIBLA 28, Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1997, pp. 67-82 [395-410].

WEGNER, Uwe, *Comunidade e autoridade em Filêmon*, RIBLA 28, Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1997, pp. 83-89 [411-416].

Carlos Alberto Rodrigues Jorge cursa o 4º ano de Teologia no ITCR da PUC-Campinas.